

# FATORES SINTÁTICOS E PROSÓDICOS NO DESENCADEAMENTO DA ORDEM PADRÃO V2 DO PORTUGUÊS CLÁSSICO.

**Alba Verôna Brito GIBRAIL<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este artigo apresenta os fatores sintáticos e prosódicos no licenciamento de estruturas de Tópico/Foco e adjuntos prepostos com efeitos-V2 no português clássico. Assim como as línguas germânicas, os efeitos-V2, nessas construções do português clássico, são definidos pela realização do verbo flexionado no núcleo Fin (Roberts, 1994). Nas ocorrências que dispõem de estruturas de Tópico/Foco e adjuntos prepostos dentro da estrutura prosódica da oração, a fronteira intonacional da frase está alinhada em Force. O clítico em próclise nessas sentenças define a fronteira prosódica em Force. A realização do clítico em ênclise define o alinhamento da fronteira prosódica em Fin. Em análises centradas no projeto cartográfico de Rizzi (1997, 2004), defendo, neste artigo, que o sintagma fronteado do português clássico com as funções de tópico, foco e/ou mesmo sem essas funções ocupa, respectivamente, o Spec de TopP, Spec de FocP e/ou o Spec de FinP em Comp.

**Palavras-chave:** Efeitos V2; Tópico; Foco; fronteira prosódica.

**ABSTRACT:** This paper presents the syntactic and prosodic factors in licensing Topic/Focus structures and adjunct phrases with V2 effects in Classical Portuguese. Just as the Germanic languages, the V2 effects in these Classical Portuguese sentences are defined by the inflected verb positioned in Fin (Roberts, 1994). The intonational boundary is aligned in Force in sentences that have Topic/Focus or adjunct phrase within the prosodic structure. The clitic in proclisis in these sentences defines the intonational boundary in Force. The alignment of prosodic boundary is settled on Fin in sentences with enclisis. In focusing on the Rizzi's Cartographic Project (1997, 2002, 2004), I argue in this article, that the fronted phrase of Classical Portuguese carrying Topic/Focus functions or without such functions occupies, respectively, the Spec of TopP Spec, Spec of FocP or the Spec of FinP in Comp.

**Keywords:** V2 effects; Topic; Focus; Prosodic boundary.

---

1

## **Introdução**

O resultado da pesquisa que desenvolvo junto ao Corpus Tycho Brahe<sup>2</sup> dos contextos de uso de estruturas de tópico do português clássico mostra que essa gramática tem o comportamento de línguas V2, especificamente, no que diz respeito à tendência de formar sentenças raízes com o verbo flexionado em segunda posição e um constituinte qualquer da oração, inclusive o sujeito, realizado na periferia à esquerda, na forma de estrutura de tópico/foco e/ou na forma de estrutura de adjunção. Outra peculiaridade do português clássico, atestada na pesquisa, é a tendência de uso do clítico em próclise nessas sentenças de ordem V2, qualquer que seja a categoria do sintagma pré-verbal. Nas formulações de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005), a ordem de disposição do clítico define a posição interna e/ou externa à estrutura prosódica da oração de realização do sintagma pré-verbal nas sentenças do português dos séculos 16-17. A disposição do clítico em próclise, nessas orações, assegura a posição interna à estrutura prosódica da frase de realização do sintagma pré-verbal; o uso da ênclise, por seu turno, define a projeção do sintagma pré-verbal em posição anterior ao sintagma intocional da oração. Nas estruturas de adjunção, a variação da posição de realização do clítico define o alinhamento da fronteira prosódica da oração, respectivamente, no segmento mais alto e/ou mais baixo de CP.

O objetivo deste trabalho é apresentar os fatos lingüísticos, assinalados na pesquisa, que evidenciam a interação de fatores sintáticos e prosódicos no licenciamento de estruturas de tópico/foco e/ou adjunto prepostos em sentenças nas quais o uso do clítico em próclise reflete a ordem subjacente V2 projetada nessas construções e, por conseguinte, evidenciam os motivos de variação de uso dessas construções com o clítico disposto em ênclise. As análises propostas para a explicitação dessas construções são centradas na proposta de Galves; Britto e Paixão de Sousa, no trabalho acima referido, conjuntamente com o projeto cartográfico de Rizzi (1997, 2002, 2004), dentro do quadro teórico do modelo de Princípios e Parâmetros em sua versão minimalista.

Organizei este artigo em duas seções. Na primeira seção, exponho os fatos lingüísticos que definem as propriedades V2 do português clássico no licenciamento de sintagmas pré-verbais, com a função de tópico/foco e/ou na forma de estrutura de adjunção, integrando a estrutura prosódica da oração. Na segunda seção apresento propostas de análise assentadas no Projeto

---

<sup>2</sup> O Corpus Histórico do Português Tycho Brahe é um corpus eletrônico anotado, composto de textos portugueses escritos entre os séculos 16 e 19. Seu desenvolvimento é parte do Projeto Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística, financiado pela FAPESP e dirigido pela prof<sup>a</sup> Dra Charlotte Marie C. Galves. O acesso a este Corpus pode ser feito através do endereço : [www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus](http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus).

Cartográfico de Rizzi (1997, 2002, 2004) para definir a posição de realização de estruturas de tópico/foco e/ou de adjuntos prepostos no contexto de orações raízes e subordinadas de ordens superficiais V2/V3, assumindo a realização do verbo finito em Fin nas sentenças raízes e encaixadas do português clássico, em condições semelhantes às gramáticas genuinamente V2, como o alemão (Roberts, 2004).

### **1. O fronteamento de objetos no português clássico.**

Entre os fatos linguísticos evidenciados na pesquisa está a propriedade do português clássico de licenciar o fronteamento de objetos, na forma de estrutura de Topicalização e/ou na forma de Deslocada à Esquerda Clítica, com o objeto topicalizado inserido na estrutura prosódica da oração. A posição interna à estrutura prosódica da oração ocupada pelo objeto topicalizado é definida nas sentenças com clítico disposto em próclise (Galves, 2003; Galves; Britto & Paixão de Sousa, 2005). O uso da próclise é generalizado nas ocorrências que apresentam o objeto fronteado na forma de estrutura de Topicalização, com esse pronome em ambientes categóricos e/ou não categóricos:

- (1) a. *e o trellado me* enviareis pera o eu ver. (D-001, 91)
- b. *Três novas me* dá Vossa Mercê tôdas grandes e tôdas dignas de reflexão. (B-008,69.539).
- c. *Isto lhe* disse de todo seu ânimo; (C-007, 107)
- d. *Esta singular virtude* da caridade *lhes* quis Nosso Senhor pagar, (S-001,0.49).
- e. Grandes duas *novas nos* trouxeram as cartas de Vossa Excelência dêste correio, (V-002,0.994).
- f. *Uma cousa vos* confessarei eu, senhor Leonardo ( disse a isto Dom Júlio), que os Portugueses são homens de ruim língua, (L-001,0.224).
- g. *Semelhante instrução lhe* dá o Tridentino, referindo-se a este Cartaginense. (B-003,27.330).

Em contrapartida, o uso de objeto topicalizado na forma de Deslocada à Esquerda Clítica apresenta variação quanto à ordem estrutural de realização do pronome resumptivo. Os dados levantados na pesquisa apresentam ocorrências desse tipo de construção com o pronome resumptivo disposto em próclise e ocorrências com esse pronome disposto em ênclise. Em condições semelhantes à formação de estruturas de Topicalização, o licenciamento de Deslocada

à Esquerda Clítica dispõe do clítico resumptivo em próclise em ambientes não categóricos:

- (2) a. A as pessoas *pera quem levaeas minhas cartas de crença, lhas dareys*;  
(D-001, 16)
- b. Aos *Turcos lhes* pezou muito da morte de Dom Christovão, porque desejavam de o levarem de presente ao Grão Turco, pelo valor, e esforço da sua pessoa.  
(C-007,49.441).
- c. E *Dia de Santo Estevão o* fizeram em uma, a que puzeram o mesmo nome:  
(C-007,08.56).
- d. outra se chama visão obscura, e *esta a* tem os que no mundo chegam a fazer actos de fê.  
(C-002, 11)
- e. *este exercicio*, que o he de todos os Santos, *o* deue ser de todo o catholico  
(C-002, 202)
- f) *eu e este povo nos* daremos por ressarcidos (B-003,76.1068).
- g) *A fragata "Fortuna" a* teve ainda melhor do que escreve Lanier, (V-002,0.1008).

A forma variante com ênclise tem uso maior no contexto de estruturas de paralelismo sentencial:

- (3) a. E *isto sabe-o* Deos e *sabe-o* Roma. (H-001, 221)
- b. e *os que corrião os pareos*, faziam *nos* quasi da mesma maneira, mas com muita oufania e galhardeza no correr dos cavallos; (H-001, 131)
- c) *Aos apóstolos sagrados* trocou-*lhes* a pesca de peixes pela de homens, no mar do século:
- d) *A São Mateus* mudou-*lhe* o livro das contas pelo do Evangelho. (B-003, 67)
- e) A São Paulo não *lhe* buliu na emulação do ardente zelo, mas deu-*lhe* novo objecto, transferindo- *a*, das tradições paternas para o Evangelho do Reino, (B-003,68.941).
- f) *As esperanças da Terra de Promissão* deixou-*as* Abraão a Isaac, Isaac a Jacob e Jacob aos doze Patriarcas; (V-003, 57)

Um outro contexto de variação de uso do clítico em próclise/ênclise é verificado nas ocorrências que apresentam o sujeito fronteado. A variante com próclise é a forma com frequência maior de uso:

- (4) a. O Doutor *Guaspar Vaaz vos* mostrara seu Regimento, que todo *vay* Remetido a vos;

(D-001,17)

b. *Eu o mandey a Genoa àquele negocio que sabes;* (D-001, 29)

c. e *eu a vi em Puzol e em Baias a par de Napoles, antiquissima e nova.*

(H-001,204.975)

d. *As tempestades dessa casa me davam mais cuidado.* (C-003,0.809)

e. *Eu a tenho por adequada, genuina e litteral.* (V-004,69.135).

f. *A pátria lhe deu o título de Grande, o Mundo todo o admirou ainda maior.* (B-001,2.7)

O clítico disposto em próclise nessas construções define a posição interna à estrutura prosódica da frase ocupada pelo sujeito fronteado, indicando o mesmo comportamento do objeto fronteado na forma de estrutura de Topicalização (Paixão de Sousa, 2004; Galves & Paixão de Sousa, 2003; Galves; Britto & Paixão de Sousa, 2005).

No entanto, como pode ser observado, o sujeito nas ocorrências apresentadas em (4) não pode ser interpretado como tópico e/ou foco. Em outras ocorrências de ordem SV, assinaladas no corpus, no contexto de sentenças sem clítico, o sujeito em posição pré-verbal não corresponde a elemento que carrega o acento enfático e/ou as funções de tópico/foco:

(5) a. *Rafael de Orbino teve n'isso seu louvor.* (H-001,199.946)

b. *o Fariseu jejuava dois dias na semana* (B-003,07.76).

c. *A Madre Elena melhorou logo da sua toce em virtude daquela promessa.*

(C-002,174.484).

d. *Os Romanos desenterraram os mortos de Corinto para lhe tirarem a moeda que tinham por costume meter consigo na sepultura.* (L-001,0.1585).

Esses fatos evidenciam a propriedade do português clássico de licenciar sintagmas pré-verbais integrando a estrutura prosódica da oração, sem necessariamente, carregarem as funções de tópico e/ou foco; em condições semelhantes ao francês antigo (Adams, 1987; Roberts, 1993) e ao alemão moderno (Grewendorf, 2002 ; Roberts, 2004; Mohr, 2005). Nas argumentações de Adams (1987, p. 105), os efeitos-V2 não são equivalentes a topicalização, exceto quando o sintagma fronteado é o objeto. No português clássico, a função de tópico expressa pelo sujeito pré-verbal é evidenciada nas ocorrências em que este constituinte carrega a função de tópico contrastivo (Galves; Britto & Paixão de Sousa, 2005):

(6) a. *Elle conheciam-se, como homens, Christo conhecia-os, como Deus.* (V-004,125.1387).

- b. *Deus julga-nos a nós por nós, os homens julgam-nos a nós por si.* (V-004,170.2417).
- c. porque *as figuras vão-se, e o theatro fica.* (V-004,74.260).
- d. entre o juiz e o judiciario ha esta differença, que o juiz suppõe o caso, *o judiciario adivinha-o.*(V-004,169.2402).

Por outro lado, ainda que o português clássico tenha a tendência de formar estruturas de tópico e/ou adjunto dentro da estrutura prosódica de orações raízes de ordem V2, os dados levantados apresentam essas construções no contexto de orações que projetam a ordem V3. O fato a ser considerado é a restrição de uso de estruturas de Topicalização de ordem V3 com o sujeito exposto precedendo imediatamente o verbo, e o objeto, em posição mais alta na periferia à esquerda, na categoria de um sintagma referencial. As restritas ocorrências encontradas no corpus na ordem OSV apresentam o objeto direto na categoria de elemento não referencial.

- (7) a. *Tôda a outra dor eu lhe perdôo* e o mais que disserem de mim; (C-003,0.1882).
- b. *tudo as damas* podem dever a este Rey, escusando suas vaydades (B-007, 97)
- c. porque, como disse Publico Mímio, *nenhuma cousa o avaro* faz boa senão quando morre, porque deixa o que tem a quem possa usar dele. (L-001,0.1545).

Em contrapartida, não há restrição de uso de objetos topicalizados na categoria de sintagmas referenciais na ordem OSV na forma de estruturas de Deslocada à Esquerda Clítica:

- (8) a. e que *justiça eu ha* mãey fazer, e que a de lla o ão pode ser sem primeiro se provar que a de caa o ão foy; (D-001,13)
- b. *Esta deferemça vos a* conhecereis e sabereis mui bem fazer, no modo que se deve e que eu seja de vos mui bem servido (D-001, 16)
- c. E *a architectura eu a* comparo e lhe chamo pintura encorporada. (H-001,184.852)
- d. declaro, que *os tais livros, & Auctores condemnados, eu os* condemno & reprovo, com todas suas palavras & proposições erroneas, & mal soantes, (B- 007, 23)

A frequência mais regular e acentuada de estruturas de ordem V3 com o sujeito pré-verbal sem as funções de tópico/foco é verificada no contexto em que um sintagma adverbial e/ou preposicional, com a função de argumento e/ou adjunto, precede o sujeito, configurando a ordem XSV:

- (9) a. *Em todas as ocasiões, este prelado sabia conciliar o zelo do serviço da Sé Apostólica com o respeito e atenção a esta Corte, (G-006,32.64).*
- b. *No dia da imaculada Conceição da Mãe de Deus, e em outros, toda agente se confessou. (B-001,70.797).*
- c. *Despois de vossa morte todos meus filhos legitimos averão a minha herança que vos deixo, (B-006, 187)*
- d. *se por êle Polícrates morreu na fôrca; Cresso, na fogueira; Crasso, degolado; Heliogábalo, arrastrado, (L-001,0.1722).*
- e. *& milagrosamente os Portuguezes vencerão, posto que morresse a mòr parte da gente, (B-006, 235)*
- f. *e com as tormentas do vício a alma teve naufrágio; (C-003,0.6)*

## **2. O licenciamento de estruturas de tópico/foco e adjuntos prepostos no português clássico na perspectiva do projeto cartográfico de Rizzi (1997, 2002, 2004).**

Dentro da proposta de trabalho que ofereço nesta pesquisa, a ordem V2 é projetada quando o sintagma frontado ocupa a posição interna à estrutura prosódica da oração, carregando este elemento, respectivamente, as funções de tópico e/ou foco, ou mesmo quando um sintagma, nessa posição, não carrega nenhuma dessas duas funções.

Na perspectiva do projeto cartográfico de Rizzi (1997, 2002, 2004), a periferia à esquerda de uma oração é caracterizada como uma zona estrutural definida por um sistema de núcleos funcionais e suas projeções:

(10) Force... Top\* Foc Top\* ModP Fin IP

O sistema é delimitado em posição mais alta por Force, o núcleo que expressa a categoria da oração – declarativa, relativa, interrogativa etc- , e em posição mais baixa por Fin, o núcleo que diferencia construções finitas e não finitas, selecionando o sistema IP com suas características familiares de finitude. O autor, que assume a recursividade de Top, propõe que as duas categorias Top são projeções específicas para Tópicos, ao passo que a categoria Foc é especificada para abrigar constituintes focalizados. Assim considerando, nas construções de ordem V2 do

português clássico, indicadas nos exemplos apresentados em (1) acima e nos exemplos que acrescento a seguir, o sintagma frontado com a função de tópico e/ou foco ocuparia, respectivamente, o Spec de TopP e/ou o Spec de FocP:

- (11) a. *A réplica* não fiz ainda, porque de verdade se soltaram contra mi todos os enfiamentos do mundo estes dias (M-003,50.622).  
b) *Os papeis* vi logo (M-003,09.109).

Entretanto, como acentuei, o português clássico licencia estruturas de tópico/foco em configuração V3, projetando a ordem OSV, com o objeto e o sujeito posicionados na periferia à esquerda, conforme os dados em (7) confirmam. Dentro das considerações de Galves e Paixão de Sousa (2005), Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005), não há, nas sentenças do português clássico, uma posição pré-verbal específica para o sujeito; podendo esta posição ser preenchida por qualquer constituinte da oração, inclusive pelo próprio sujeito, recebendo o elemento frontado a interpretação de tópico e/ou foco. Assim, em análise centrada no projeto cartográfico de Rizzi (1997, 2004), proponho que, nessas sentenças de ordem OSV do português clássico, o sujeito e o objeto se deslocam da posição canônica no sistema de IP para posições projetadas em Comp. A categoria de sintagma não referencial do objeto nessas construções define a função de Foco que esse elemento carrega (Cinque, 1990; Rizzi, 1997, 2002, 2004; Raposo, 2000; Kato, 1998; Barbosa, 1996); portanto, ocupando a posição de Spec de FocP em Comp. Considerando a proposta de Rizzi (1997, 2002, 2004) da recursividade de Top, o sujeito em posição mais baixa do que o objeto nessas produções, corresponderia a sua realização no Spec de TopP<sub>2</sub>. Contudo, como tenho reiterado, o sujeito nas sentenças do português clássico pode ocupar a posição pré-verbal sem carregar as funções de tópico/foco, em condições semelhantes ao francês antigo (Adams, 1987; Roberts, 1993) e línguas V2 modernas, como o alemão (Grewendorf, 2002; Roberts, 2004; Mohr, 2005). No alemão moderno, um sintagma pode ocupar a posição pré-verbal por movimento formal (Frey, 2005), e não, necessariamente, por motivo tópico e/ou foco. Defendo que o sujeito pré-verbal, nessas produções de ordem V3 do português clássico, ocupa a posição de Spec de FinP, sendo movido para essa posição por requerimento de checagem de traços EPP (Roberts, 2004, p. 315). Não há efeitos de minimalidade com o objeto realizado no Spec de FocP e o sujeito no Spec de FinP (Rizzi, 1997, 2002). Por outro lado, não há violação



das restrições de ECP com o deslocamento do sujeito. O verbo flexionado deslocado para o núcleo Fin rege a posição do sujeito no Spec de IP.

Conforme ressaltai, o sujeito pré-verbal sem as funções de tópico/foco é confirmado no contexto de sentenças de ordem V3 que licenciam um sintagma adverbial e/ou preposicional, com a função de argumento e/ou adjunto, em posição mais alta à esquerda seguido pelo sujeito, configurando a ordem XSV, indicado nos exemplos em (9), e nos exemplos que exponho a seguir:

- (12) a. Aqui pouco se sabe de novas do mundo; porque *de Lisboa nenhuma pessoa* me escreve. (M-003, 47)
- b. & *milagrosamente os Portuguezes* vencerão, posto que morresse a mór parte da gente, (B-006, 235)

Nestes dois exemplos, um sintagma adverbial precede o sujeito. Na ocorrência em (12a), o sujeito tem o estatuto de sintagma não-referencial, podendo, nesse caso, ser interpretado com foco. Assumindo a proposta de Rizzi (2002, p. 16) de que os advérbios prepostos adquirem proeminência acentual por ocuparem posições próprias na periferia à esquerda, especificamente, o Spec de ModP, o sujeito pré-verbal nessas construções do português clássico ocuparia o Spec de FocP e/ou no Spec de FinP e o sintagma adverbial, o Spec de ModP, justificando, assim, a não ocorrência de efeitos de minimalidade. Contudo, conforme Rizzi propõe, (1997, p. 323), para justificar construções do francês moderno que licenciam a extração do sujeito sobre um PP, esse constituinte pode ser realizado em adjunção ao núcleo Top. Para o autor, o Critério Tópico pode ser satisfeito em configuração de adjunção. Diferente, entretanto, da proposta de Rizzi, que assume os elementos adjungidos ao núcleo Top por movimento, defendo que, nas sentenças de ordem XSV do português clássico, o elemento X adjungido ao núcleo Top é gerado na base. Assim, em conformidade com a proposta de Roberts (op. cit., p. 317) para as línguas V2, postulo que a natureza V2 do português clássico não impede a concatenação de outros sintagmas em posição mais alta dentro da estrutura prosódica da frase.

Esta proposta de análise explica a propriedade do português clássico de licenciar estruturas de Deslocada à Esquerda Clítica com próclise em ambientes não categóricos com o objeto topicalizado inserido na estrutura prosódica da oração; explicando, de maneira geral, o licenciamento de construções de ordem V3 que dispõem de advérbios e/ou sintagmas

preposicionais em posição mais alta na periferia à esquerda seguido de outro constituinte oracional. Nessas ocorrências, o sintagma em posição mais alta tem o estatuto de um adjunto gerado na base; o elemento que precede imediatamente o verbo, realizado no Spec de FocP, Spec de ModP e/ou no Spec FinP, satisfaz o requerimento de efeitos-V2.

Entretanto este tipo de análise não dá conta de explicar as ocorrências de ordem V3 com o objeto na categoria de sintagma não referencial projetado em posição mais alta à esquerda e o sujeito expreso precedendo imediatamente o verbo, interpretada como estrutura de Foco, considerando a restrição de sintagmas não referenciais carregarem a função de tópico. A interpretação de Foco do objeto nessas construções corresponde ao seu deslocamento por movimento para a posição de Spec de FocP, portanto, excluindo-o da condição de elemento gerado na base. Nessas construções, o objeto, ocupando o Spec de FocP e o sujeito, ocupando o Spec de FinP, integram a estrutura prosódica da oração. Entretanto, conforme ressaltai, a tendência do português clássico é manifestar estruturas de tópico/foco no padrão de ordem V2, com o sintagma pré-verbal inserido na estrutura prosódica da oração. Diferente das propriedades que caracterizam as construções de tópico e foco de gramáticas do romance medieval (Benincà, 2004; Benincà e Poletto, 2004) e do italiano moderno (Cinque, 1990; RIZZI, 1997, 2002, 2004), entre outras, a propriedade de o tópico sempre envolver um clítico resumptivo nas ocorrências que apresentam um objeto direto topicalizado, o português clássico licencia construções de objetos topicalizados sem retomada pronominal, na forma de estruturas de Topicalização em posição interna à estrutura prosódica da frase; licenciando-os também na forma de estruturas de Deslocada à Esquerda Clítica. Na forma de Deslocada à Esquerda Clítica, o objeto topicalizado é realizado como um adjunto, integrando ou não a estrutura prosódica da oração. Nas formulações de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005, p.14), a variação de uso de estruturas de adjunção com o clítico disposto em próclise e/ou ênclise define o alinhamento da fronteira prosódica no segmento mais alto e/ou mais baixo de CP. Na perspectiva dessa proposta, assumo que, nas estruturas de Deslocada à Esquerda Clítica com próclise, a fronteira prosódica da frase está alinhada em Force; nas ocorrências com o clítico resumptivo em ênclise, a fronteira prosódica está alinhada em Fin.

Como hipótese de trabalho, postulo que o alinhamento da fronteira intonacional da frase em Force justifica a propriedade do português clássico de licenciar estruturas de tópico/foco e/ou adjuntos prepostos dentro da estrutura prosódica da oração, satisfazendo o requerimento de

efeitos-V2.

Por outro lado, conforme os dados indicam, o português clássico legitima, com frequência menor, sintagmas com a função de foco e/ou adjuntos prepostos no padrão de ordem V3, com o sujeito e/ou outro constituinte ocupando o Spec de Fin. Este tipo de ocorrência mostra que a natureza V2 do português clássico não impede a realização de sintagmas deslocados por movimento para uma posição mais alta dentro da estrutura prosódica da frase.

### **Considerações finais.**

Apresentei, neste artigo, alguns dos fatos linguísticos que evidenciam a interação de fatores sintáticos e prosódicos no licenciamento de estruturas de tópico/foco e adjuntos prepostos no português clássico. Entre esses fatos, destaquei a propriedade V2 do português clássico de licenciar objetos topicalizados na forma de estrutura de Topicalização e/ou na forma de Deslocada à Esquerda Clítica, com o objeto topicalizado inserido na estrutura prosódica da oração, assumindo a proposta de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005) da ordem de disposição do clítico como fator de definição da posição interna e/ou externa de realização do sintagma pré-verbal. Mostrei que o uso de clítico em próclise é generalizado na manifestação de estrutura de Topicalização em sentenças declarativas de ordem V2 que dispõem desse pronome; havendo, entretanto, variação de uso de Deslocada à Esquerda Clítica com o clítico resumptivo em próclise e/ou em ênclise em ambientes não categóricos. Em análise atrelada à proposta de Galves; Britto e Paixão de Sousa (2005) da variação de uso de adjuntos prepostos com clítico em próclise/ênclise como fator que define o alinhamento da fronteira prosódica da oração no segmento mais alto ou mais baixo de CP, propus que, nas estruturas de Deslocada à Esquerda Clítica com o pronome resumptivo em próclise, o alinhamento da fronteira prosódica é definido em Force, enquanto que, nas ocorrências com o clítico resumptivo em ênclise, o alinhamento da fronteira prosódica ocorre em Fin.

Na descrição desses fenômenos, resaltei a propriedade do português clássico de legitimar o sujeito em posição pré-verbal sem as funções de tópico/foco nos padrões de ordem V2/V3. Propus que, nessas produções, o sujeito pré-verbal é realizado no Spec de FinP, em conformidade com a proposta de Adams (1987), para o francês antigo e de Roberts (2004) para as línguas V2 modernas, como o alemão.

Outro fato abordado é a restrição do português clássico de legitimar estruturas de Topicalização na ordem OSV com objetos na categoria de sintagmas referenciais; não havendo, entretanto, restrição de licenciamento de Deslocada à Esquerda Clítica nessa configuração com o objeto topicalizado na categoria de sintagmas referenciais. No corpus em estudo, as ocorrências que licenciam objetos na categoria de sintagmas não referenciais na ordem OSV são realizações de estruturas de foco, com esse constituinte ocupando o Spec de FocP. Diferente do que é evidenciado no licenciamento de Deslocada à Esquerda Clítica e/ou de adjuntos prepostos de ordem V3, que dispõem, respectivamente, de objeto e/ou de um sintagma adverbial em posição mais alta na periferia à esquerda na categoria de elemento gerado na base, o objeto com a função de foco, nessa ordem configuracional, é gerado por movimento, ocupando o Spec de FocP dentro da estrutura prosódica da oração. Nessas construções, o sujeito, realizado no Spec de FinP, satisfaz o requerimento de efeitos-V2.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, M. (1987). "Old French, null subjects, and verb second phenomena". Tese de doutoramento. University of Califórnia. Los Angeles.

BARBOSA, P. (1996). "Clitic Placement in European Portugueses and the Position of Subjects", in A. Halpern and A. Zwicky(eds) *Approaching Second: Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford:XSLI Publications, pp. 1-40.

BENINCÀ, P. (2004). "The left periphery of medieval romance", Ms. Disponível em: <<http://www.humet.unipi.it/slifo/2004vol2/Benincà2>>. Acesso: 20 out. 2006.

BENINCÀ, P. & POLLETO, C. (2004). "Topic, Focus and V2: defining the CP sublayers." In: *The Cartography of Syntactic Structures, V. 2*. Oxford University Press, pp. 53-72.

CINQUE, G. (1990). "Types of A-Dependencies". The MIT Press.

GALVES, C. (2004). "Clitic-placement in the history of Portuguese and the syntax- phonology interface", Ms. UNICAMP

GALVES, C.; BRITTO, H. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005). "The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus", *Journal*

of Portuguese Linguistics, V. 4, 1, Special Issues in Variation and Change in the Iberian Languages: the Peninsula and beyond. José Ignacio Hualde (org).

GALVES, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2003). "Clitic placement and the position of the subjects in the history of Portuguese", Romance Languages and Linguistics Theory, Selected Papers from 'Going Romance', John Benjamins, 2005, pp.93-107.

GREWENDORF, G. (2002). "Left Dislocation as Movement". Ms. Disponível em <http://www.georgetown.edu/departments/linguistics/news/Grewendorf.pdf>. Acesso em 20.out.2006

KATO, M. A. (1998). Tópicos como alçamento de predicados secundários. In: Cadernos de estudos lingüísticos, Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 34, pp. 67-76.

MOHR, S. (2005). "V2, Discourse Functions and Split CP", Societas Linguistica Europaea, 38. Disponível em <http://ifla.uni-stuttgart.de/files/sle2005.pdf> Acesso em 26. fev. 2010.

RAPOSO, E. (2000). "Clitic positions and verb movement". In: J. COSTA (org.), *Portuguese syntax: new comparative studies*. New York: Oxford University Press.

RIZZI, L. (1997). "The fine structure on the left periphery". In: HAEGMAN, Liliane (Org.) *Elements of grammar :handbook of generative syntax*. London: Kluwer Academic Publishers, pp. 281-337.

----- (2002). "Locality and left periphery". Ms. Disponível em <http://www.ciscl.unisi.it/pub/doc-pub/rizzi2002-locality&left-perifery.doc> Acesso em 20. nov. 2007.

----- (2004). "The Structure of CP and IP". In: *Cartography of Syntactic Structures, V. 2*. Oxford University Press, pp. 3-15.

ROBERTS, I. (2004). "The C-System in Brythonic Celtic Languages, V2, and EPP". In: *The Cartography of Syntactic Structures, V2*. Oxford University Press, pp. 297-325.

WERNER, F. (2005). "Contrast and movement to the German prefield". Ms. Disponível em <http://www.zaz.gwz-berlin.de/mitarb/homepage/frey/files/1176222985.pdf>. Acesso em 10.nov.2006.

